

## IMAGENS DE GUERRA: *MUNGO DE UANHENGA XITU E NÓS, OS DO MAKULUSU* DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Rejane Vecchia da ROCHA E SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os livros publicados pelos escritores angolanos Uanhenga Xitu e José Luandino Vieira, contos e romances, constituem uma análise cuidadosa e atenta às conformações sociais, políticas, econômicas e históricas da sociedade angolana do período da ocupação colonial. Estabelecendo, assim, um recorte temporal mais voltado para o sistema colonial e a guerra de independência deflagrada em 1961 e conquistada em 1975, suas obras, como é o caso de *Mungo* de Uanhenga Xitu e *Nós, os do Makulusu* de Luandino Vieira propostos para este artigo, organizam-se sistematicamente em torno das relações entre ficção e história, ficção e política, ficção e guerra na medida em que as problematizações em relação à sociedade angolana encontram também no campo ficcional o espaço propício para os questionamentos que buscam a compreensão das tensões dialéticas desse espaço social específico. Vislumbrando as possibilidades não só da independência como também da reorganização social de Angola cujos horizontes desenhavam-se em torno das utopias libertárias das décadas de 60 e 70, os escritores tecem uma profunda análise das condições sociais impostas pelo sistema colonial e as possibilidades de ruptura e emancipação da sociedade angolana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; História; guerra; utopia

Ao aproximar os textos *Mungo* de Uanhenga Xitu e *Nós, os do Makulusu* de José Luandino Vieira é possível reunir, por meio de suas histórias, as vozes que se organizaram

---

<sup>1</sup> USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Rua do Lago, 717 – Cidade Universitária – São Paulo – SP – 05508-900, rejane.vecchia@gmail.com

dentro e fora das malhas da ficção, no combate à ocupação colonial. Os escritores, buscando construir uma atmosfera na literatura para as questões que cada vez mais ocupavam as preocupações gerais de combate ao regime político, intensificaram as discussões que se recusavam a aceitar os moldes impostos por essa ocupação e acabaram por se organizar em torno de projetos literários que procuravam descrever e discutir cada vez mais as condições materiais dentro das quais se pretendia produzir uma literatura de ênfase social. Assim, abrigando os projetos de liberdade que animavam as discussões de seus escritores, cresciam e organizavam-se também as possibilidades de resistência e combate ao sistema colonial português também no âmbito da ficção.

Em *Mungo*, a guerra ainda em fase de gestação, direciona o olhar de José das Quintas, personagem central da narrativa, a partir do posto de saúde que servirá como referencial espacial a partir do qual esta personagem irá perceber a realidade que envolve o Mungo. No segundo, a mesma realidade trágica de uma nação que não encontra outra possibilidade de fazer acontecer sua liberdade a não ser por meio das armas, descreve, então, a vida de quatro amigos em que a pluralidade de identidades que ali se apresentam multifacetadas, se aproximam e se afastam para tentar esclarecer esse mundo descontrolado. Assim, numa possível interlocução, José das Quintas parece estar atento à história que os meninos do Makulusu pretendem apresentar.

Retomo, então, uma breve passagem de Walter Benjamin, em suas teses “Sobre o conceito de história”.

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o

passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele lê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1987, p. 226)

A angustiante descrição do anjo de Paul Klee feita por Benjamin e as visões de mundo que vão sendo tecidas pelas personagens de *Mungo* e de *Nós, os do Makulusu*, parecem carregar a mesma intensidade trágica a respeito do conceito de progresso, o olhar que se descreve a partir do anjo parece tomar conta daqueles que instauram, nessas narrativas, os percursos espaciais e temporais que, aos poucos, emergem das páginas desses romances. Algumas questões centrais se apresentam, assim, imediatamente: a conjuntura histórica que é particularmente comum aos dois autores angolanos; suas visões de mundo que procuram compartilhar dentro - e fora - da ficção; a luta armada como único caminho possível para a independência de Angola; a construção de personagens centrais que tomam como ponto de partida os musseques e, portanto, o deslocamento do centro para a periferia, na medida em que o eixo das discussões concentra-se a partir daqueles que se encontram fora das esferas de poder e decisão políticos. É, portanto, a partir desse espaço comum, isto é, de descentramento e marginalizado, que estes escritores iniciam a construção/desconstrução, de um mundo cingido pela ocupação colonial. Valeria a pena lembrar que ambos compartilharam também a experiência de serem presos pela PIDE no

campo de concentração de Tarrafal de Santiago, para onde eram enviados todos os desafetos do regime, então, salazarista.

Assim, nessa jornada que se inicia com José das Quintas em *Mungo* e Mais-Velho, Maninho, Paizinho e Kibiaka em *Nós, os do Makulusu*, os percursos traçados por estas personagens instauram enfaticamente as discussões acerca do futuro da nação angolana, inculcando as inquietações de seus autores que acabam transpondo os limites tênues entre literatura e história e criando, na atmosfera do simbólico, a interação entre ambas.

Em *Mungo*, através de José dos Celeiros ou José das Direitas ou José das Quintas, como era chamado o enfermeiro português que protagoniza a trajetória descrita ao longo do romance e que se revela um interlocutor atento às condições de vida da população local, acompanhamos parte essencial de uma realidade que se processa a partir da opressão e exploração. Enfermeiro de um Posto de Saúde, José das Quintas é uma espécie de anti-herói na medida em que abandona os projetos de ascensão social e fortuna em Portugal para se enveredar pelos desconhecidos caminhos de Angola. Nesse percurso, o protagonista começa a desvendar um pouco da vida de negros e brancos expropriados de bens e meios de sobrevivência.

Em torno do Posto de Saúde do Mungo, a natureza apresenta-se repleta de cores cujas “manhãs são diferentes das do Porto” (p.70). Assim, a representação da natureza como espaço exterior de magníficas paisagens, lugar do exótico e da abundância, coloca em cena, na verdade, a dialética social que, por um lado, descreve a visão do paraíso, da fartura e da exuberância e, por outro, a sinfonia rouca por onde ecoam as vozes reprimidas do sistema colonial. E assim, acompanhando José das Quintas, o leitor vai percebendo que o Mungo, bem como outros postos administrativos, pouco se diferenciam dos antigos mercados de escravos negros.

Dessa maneira, ao fim e ao cabo, diríamos, cabe ao protagonista decidir: ficar ou voltar? E, como diz, “Num ambiente como tal só haveria que escolher entre lutar para fazer algo contra as injustiças [ou] deixar-se andar ao Deus dará [ou] regressar para Portugal e esquecer-se da África” (p.102). Conhece, então, Luciana e as tensões que até então se circunscrevem à esfera do campo social passam a ser sentidas no âmbito pessoal. Agora apaixonado José das Quintas pode sentir, de fato, o preconceito local, já que sua paixão significa uma afronta a moral e aos bons costumes portugueses o que acaba por suscitar em José das Quintas uma certa crítica em relação aos mandos e desmandos dos representantes de Portugal em Angola. Procurada por todos, Luciana, que havia fugido, é picada por uma cobra e morre no posto de saúde, assistida pelo enfermeiro, familiares e autoridades locais. No entanto, é nesse universo de possível desesperança que se fortalece, apesar de tudo, o desejo de liberdade. As marcas da resistência, registradas nas canções dos contratados, por exemplo, “é luto, é luto, toda a minha vida é luto”, acirram, na verdade, o conhecimento da história e esta parece apontar para a saída. Ao descobrir, verdadeiramente, a África de seus sonhos, na voz e na luta de seus povos, José das Quintas toma consciência de uma história que jamais imaginou e na morte de Luciana acaba por introjetar, finalmente, o contexto.

A visão de mundo que se concretiza, então, surge a partir de alguém que chega e aos poucos desnuda paisagem, miséria, luta, histórias, resistência, enfim, a verdadeira Angola e a partir de sua experiência, vislumbra uma terra que também passa a ser sua. Trata-se de assumir, agora, uma outra identidade, sua adesão final à história do “outro” pois que se anuncia a impossibilidade de retornar ao seu próprio espaço de origem. Assim, José das Quintas transforma em ação, em “sonho diurno”, para retomarmos o conceito de utopia de Ernest Bloch, ao interrogar as formas do progresso e aponta para as possibilidades de

transformar projetos em ação, ou seja, morte em vida, prisão em liberdade. Ou ainda, de acordo com as palavras conclusivas do professor Milton Santos:

...é lícito dizer que o futuro são muitos; e resultarão de arranjos diferentes, segundo nosso grau de consciência, entre o reino das possibilidades e o reino da vontade. É assim que iniciativas serão articuladas e obstáculos serão superados, permitindo contrariar a força das estruturas dominantes, sejam elas presentes ou herdadas. A identificação das etapas e os ajustamentos a empreender durante o caminho dependerão da necessária clareza do projeto (SANTOS, 2000, p.161).

No romance *Mungo* o futuro está traçado e agora Mais-Velho, seu irmão Maninho, Paizinho, meio-irmão dos dois anteriores e Kibiaka, morador do bairro Operário, abraçam a árdua tarefa de seguir com as discussões em *Nós, os do Makulusu*. “Simples, simples como assim um tiro: era alferes, levou um balázio, andava na guerra e deitou a vida no chão, o sangue bebeu. (...) ele era o melhor de todos nós, aquele a quem se estendiam os tapetes da vida.” (LUANDINO, 1991, p.11).

A morte de Maninho, logo nas primeiras linhas de *Nós, os do Makulusu*, descreve, na verdade, não só as feições que vão compor um mosaico de vozes que já se anunciam discordantes, mas também o espaço dentro do qual transitam, um espaço nada circunstancial, mas sim histórico dentro do qual as personagens estarão inscritas e a partir do qual irão emergir as tensões sociais que ali serão encenadas. O percurso traçado parte de um referencial particular: a amizade de quatro meninos que ao longo da vida assumem posturas diversas em relação à vida: Maninho, engajado no exército colonial é morto em emboscada; Kibiaka, guerrilheiro, luta nas matas; Paizinho, guerrilheiro, luta em Luanda;

Mais-Velho se ocupa da produção intelectual e ao longo do romance precisa lidar com a morte do irmão e a amizade dos dois amigos, tentando amarrar as duas pontas de sua vida: passado e presente.

É nesse cenário de conflito – interno e externo – de lutas e de confrontos que o narrador personagem, justamente, Mais-Velho, faz um apelo à memória e desfia sua história entre o passado de suas reminiscências da infância e o presente de guerra, morte e desencontro. O mosaico de vozes que emerge nessa reconstrução da vida se faz por meio da consciência angustiada de Mais-Velho, que assim coloca em cena as tensões entre o passado, aquele da infância eternamente saudada como o tempo da esperança e das possibilidades, em que xingamentos e brigas não passavam de coisas de criança e o presente, tempo da insensatez, da morte e, talvez, o tempo da desesperança. O contexto da guerra não carrega consigo simplesmente a trágica sorte de seus atores, mas a possível compreensão de seu sentido implica numa escolha que, muitas vezes, não é possível de ser feita. Nesse trânsito entre as contradições inerentes ao seu estar-ali, Mais-Velho tenta encontrar um sentido para tudo aquilo. A morte de Maninho desencadeia esse trânsito entre passado e presente e na escrita da História procura o impossível, a saber, um sentido para tudo aquilo. Regressa sempre na voz de Maninho:

Lês Marx e comes bacalhau assado, não é? Não te deitas com negras nem mulatas – a tua cunhada é mulata, fico descansado... - por respeito. Vê bem, Mais-Velho! Como tu és um baralhado: por respeito lhe recusas a humanidade dessa coisa simples, onde que só o humano se revela, onde só se pode aí comunicar, saber, aprender... Rio, sabes, mas me dói muito no coração, fica pesado de amargura. Espalha os teus panfletos, que eu vou matar negros, Mais-Velho! E sei que eles te dirão o

mesmo: ‘espalha os teus panfletos, vou matar nos brancos (LUANDINO, p.24).

Mas será a desgarrada materialidade da vida que interrompendo as recordações de Mais-Velho fará lembrá-lo da perda de Maninho: “Levantei o seu irmão e ele sorria. Nunca vi um sorriso assim, num morto...” (p.29).

O narrador personagem propõe uma caminhada que atravessa espacialmente a cidade de Luanda e a partir das já conhecidas e percorridas ruas que vão intercalando essa jornada, o narrador retoma o curso da vida, mesclando o ontem e o hoje numa tentativa de encontrar as possibilidades de reatar dois tempos que a história e a vida parecem não permitir mais. Tomadas as diferentes direções, os quatro amigos já não podem voltar atrás. Ao reconstruir suas lembranças atravessando tais ruas, o narrador dilacerado está, sobretudo, desconcertado diante da guerra, da luta e da morte. Seus pensamentos são intercalados continuamente pelas lembranças de um passado que insiste em sobreviver ao caos e revelam sua tentativa desesperada de superar a morte do irmão.

Assim, ao caminhar por Luanda, as ruas percorridas sinalizam um espaço reconhecido e identificado que acaba por contribuir, decisivamente, para o recorte das feições ideológicas dos quatro amigos, já que por meio dessas representações contextuais aos poucos será desvendada a existência de cada um. Confere-se, desse modo, singular importância ao espaço, que não se constitui apenas como um mero pano-de-fundo ou cenário. Pelo contrário, o espaço, como mediador dos conflitos individuais e coletivos mostra-se como um campo aberto onde ocorrem as incidências político-sociais evidentes, o que propicia uma retomada das circunstâncias históricas e seus entraves como é o caso comum da pobreza dos musseques.

Temos, então, a presença fecunda do espaço físico em “Nós, os do Makulusu”, norteando, por um lado, as contradições provocadas pelo processo colonial e delimitando, por outro, suas esferas de influência, já que essa visão de mundo que vai se erguendo a partir das lutas nacionalistas que se concentram fortemente nos musseques apontam para o aparecimento das potencialidades utópicas, para o desejo de transformação. O espaço, portanto, também é capaz de desencadear as reflexões acerca das contradições e acaba por provocar a ação revolucionária de Paizinho e Kibiaka, personagens que se lançam para além dos limites historicamente estabelecidos, construindo outras possibilidades para a afirmação de suas identidades.

Portanto, torna-se evidente que os projetos ali constituídos pelo governo português acirram as diferenças entre sociedades tão dessemelhantes, cujas marcas da ocupação passam a garantir a vitalidade da luta armada. A interrogação que encerra o texto *Nós, os do Makuluso* encerra e ilumina um presente em que “acordar os mortos e juntar os fragmentos” constituem-se em árdua e corajosa empreitada para os tempos de guerra.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História”. In: *Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2000.

VIEIRA, José Luandino. *Nós, os do Makulusu*. São Paulo: Ática, 1991.

XITU, Uanhenga. *Mungo – Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: Editorial Nzila, Coleção Letras Angolanas 5, 2002.

